

REVISTA

BULUNGA

dezembro de 2022 - número 12

Como já era de se esperar, neste número entrevistamos o

PAPAI NOEL



Editorial

Teve muita gente que acreditou que não sobreviveríamos a 2020, por causa da pandemia. Que seria o fim do mundo, anunciaram, com propriedade. Alguns ainda disseram que, se sobrevivêssemos, 2021 seria terrível, mas acabamos chegando quase inteiros em 2022, que prometia ser um ano apocalíptico. De certa forma, acertaram, pois um Molusco afanou as eleições e o Brasil perdeu a Copa do Mundo de Futebol. E a vencedora foi a Argentina!

Não sei se neste final de ano teremos boas festas, pois todos estão magoados, cheios de dodóizinhos, as famílias divididas, os amigos não se conversam mais e até as crianças entraram no esquema e estão se hostilizando nas áreas de lazer dos condomínios. Dia desses vi um bebê colocando areia na mamadeira do coleguinha. Só que o outro menino percebeu e trocou as mamadeiras. O sabotador tomou, mas quando percebeu a malandragem, aprontou o maior berreiro e o outro menino foi expulso da creche.

Brincar de Polícia e Ladrão, então, é coisa do passado: a meninada agora quer é brincar de cancelamento, e isso é feito na surdina, nas Redes Sociais. Qualquer coisa é motivo para ser cancelado e vence o jogo o mais ardiloso, o mais sacana, o mais trapaceiro, o mais injusto, isento de ética e moral, e assim vão treinando para quando forem adultos poderem "tomar o poder". É assim que funciona. É assim que o Brasil vai se tornando um país que vai pra trás. E que tenham todos um feliz natal!

DOZE

Chegamos à Revista Bulunga nº 12. Muitos agouravam que não iríamos além da nº 1 ou, no máximo da nº 3, não mais que isso. Mas está aí, chegamos em dezembro de 2022, doze edições, cada uma pior do que a outra, e ainda assim continuamos firmes.

Metidos a bestas, insistimos em dizer que é uma revista literária, mas longe disso: o que a gente faz é brincar de escrever, para não ficarmos doidos. Ou talvez já tenhamos ficado, e ainda não nos demos conta disso, pois o fio que separa a normalidade da loucura é muito tênue, e as pessoas que enlouquecem afirmam que só se deram conta disso depois que começam a queimar notas de cem e a comer fezes.

Como nós ainda estamos muito longe disso, pois sabemos muito bem o que dá para comprar com uma bela nota de cem paus, podemos dizer com tranquilidade que ainda somos normais. Por enquanto.

Mas a coisa não anda fácil para ninguém. As pessoas estão perdidas, confusas, não sabem mais o que é certo e o que é errado. As autoridades dão os maus exemplos e a população tende a imitar, como se estivesse tudo liberado, como se não houvesse leis, mas leis tem até demais. Mas só é liberado para quem é autoridade: se você é povo, merece sofrer os rigores da Lei.

Para quem esperou o ano todo, agora vem a recompensa: entrevistamos o

PAPAI-NOEL

Papai Noel é o símbolo do natal. Aquela imagem do bom velhinho obeso/sorridente, com sua longa e alva barba e as faces rosadas, sempre vestido com roupas vermelhas de cetim, punhos e barras de peles brancas e botas pretas, nos remetem aos melhores momentos de nossa infância, quando esperávamos ansiosamente pelos presentes, colocados debaixo da árvore de natal pela manhã, ou dentro das meias penduradas na lareira, para quem tinha lareira, é óbvio. Durante muitos anos acreditamos nessa fantasia, até nos revelarem com crueldade que eram os nossos pais ou tutores que compravam os presentes nas lojas e pagavam em longas prestações, até no ano seguinte começar tudo de novo, o que para muitos poderia significar um grande sofrimento, exatamente por não terem como pagar por essa data em que o comércio fatura horrores e o povo se vê obrigado a comer peru assado e arroz com uva passas.

BULUNGA - Eu sempre tive muita vontade de falar com o Papai Noel, não esses fajutos que ficam nos shoppings, mas um de verdade, de carne e osso.

PAPAI NOEL - Carne, osso e uma generosa quantia de tecido adiposo... Aproveite a oportunidade para pedir o seu presente!

BULUNGA - Vou pedir, é claro! Mas queria mesmo entender a logística para essa distribuição de presentes, considerando que vai da meia-noite às 6 da manhã, aproximadamente. Seria praticamente impossível fazer essa distribuição simultânea em todos os lares do mundo que tem crianças...

PAPAI NOEL - E quem falou que todas as crianças recebem presentes? Você já ouviu falar em Papai Noel na África?

BULUNGA - Realmente, nunca ouvi falar...

PAPAI NOEL - E nem daria, com essas minhas roupas, ficar transitando por aqueles desertos...

BULUNGA - Então quer dizer que o senhor só atende as crianças de países ricos...

PAPAI NOEL - Onde surgiu o Papai Noel? Na Noruega. A coisa começou lá, timidamente, e foi sendo difundida pela região. A coisa acabou tomando uma proporção que nem podia imaginar. Hoje temos sucursais em vários outros países, inclusive de outros continentes, mas não é fácil...

BULUNGA - Posso imaginar... Então não existe apenas um Papai Noel? Existem representantes em outros países ou cidades?

PAPAI NOEL - Exatamente isso. É uma espécie de franquia. Eles recebem treinamento, uniformes, trenó, renas, aprendem a falar "ho-ho-ho", essas coisas.

BULUNGA - Os trenós e as renas do Papai Noel voam de verdade?

PAPAI NOEL - Você acredita mesmo nessas coisas? Pensei que você fosse mais esperto... Você também acredita em doentes, fada madrinha, essas coisas...

BULUNGA - Estava brincando... Mas como é que os Papais Noéis - é melhor dizer assim - conseguem entrar nas casas? Certamente, não há de ser pela chaminé...

PAPAI NOEL - Tivemos muitos problemas com essa prática. Muitos de nossos representantes morreram entalados ou mesmo carbonizados em vários episódios. Hoje damos a eles chaves mestras, e assim podem entrar tranquilamente em quaisquer residências...

BULUNGA - Mas nunca tiveram problemas com essas "invasões"?

PAPAI NOEL - Certamente... alguns de nós fomos confundidos com ladrões ou amantes sorrateiros, e alguns chegaram a apanhar por causa da profissão,

mas não tivemos nenhum caso fatal, talvez por causa do uniforme e do crachá que sempre aconselhamos a usarem em local visível.

BULUNGA – E de onde vem os recursos para a compra dos presentes. Ouvimos falar de ligações com o crime organizado... com o tráfico... contrabando de presentes...

Papai Noel – O povo fala demais... Recebemos doações do mundo inteiro, o ano todo, e isso é o suficiente para manter o nosso empreendimento.

BULUNGA – O que você acha daquela música “Então é Natal”, cantada pela Simone?

Papai Noel – Odeio! Odeio! Quando começa a tocar essa música, me dá vontade de matar o primeiro que vejo pela frente, de apertar o pescoço até esgotar todo o ar da pessoa. A original do John Lennon já era chata, com aquela mulher esquisita dele do lado com aquela cara de paisagem, mas a versão da Simone é insuportável. Se eu chego em uma casa e está tocando essa música, dou meia volta e vou embora. Ali as crianças ficam sem presentes.

BULUNGA – (risos) Quanto radicalismo... Não pensei que Papai Noel pudesse ter reações tão “exacerbadas”...

PAPAI NOEL – Ah, tenha dó! Existe paciência pra tudo, mas assim nem um personagem do mundo da ficção aguenta.

BULUNGA – Essas roupas vermelhas que o senhor usa teria alguma influência comunista?

PAPAI NOEL – Originalmente, a roupa do Papai Noel era azul, mas certa vez uma campanha de refrigerantes, que adotava a cor vermelha, resolveu patrocinar uma grande campanha de natal, e aí a coisa pegou. Agora se essa mesma marca de refrigerantes tem alguma influência com os vermelhos, aí já não sei dizer. Se os vermelhos estivessem no meio da jogada, não sobraria presente pra ninguém: roubariam tudo.

BULUNGA – Para ser um Papai Noel, é necessário que o candidato seja gordo e que tenha essa vasta barba branca?

PAPAI NOEL – Já imaginou se o Papai Noel fosse magrinho e não tivesse barba? Já pensou que tristeza? Pense no Seu Madruga (personagem do seriado Chaves) de Papai Noel. Não seria ridículo?

BULUNGA – Não ficaria nada bem...

PAPAI NOEL – Papai Noel é sinônimo de prosperidade, e para isso o cara tem que ter uma

bela pança e bochechas rosadas, o que significa muito consumo de proteínas. Além da barba, é claro, mas muitos dos nossos utilizam próteses.

BULUNGA – E por falar nisso, o que os Papais-Noéis comem?

PAPAI NOEL – Na falta de coisa melhor, a gente come as renas mesmo.

BULUNGA – Vocês fazem bifes com as suas renas?

PAPAI NOEL – Ah, sim, comida... (pigarro) nós comemos de tudo, menos saladas, ou perderíamos o nosso peso facilmente. Só comemos coisas com “sustança”.

BULUNGA – Exemplo...

Papai Noel – Lasanha, macarronada, bolos, tortas, doces, MUITA carne, mas nada que seja “light”.

BULUNGA – E vocês não tem problemas com colesterol, pressão alta, triglicérides?

PAPAI NOEL – Fazemos um batalhão de exames todos os anos e cuidamos para que a nossa saúde seja afetada.

BULUNGA – Para finalizar, eu gostaria de perguntar: o que você tem aí dentro do saco?

PAPAI NOEL – Meus ovos! Ho... ho... ho...

BULUNGA – Mas ainda não chegou a Páscoa...

PAPAI NOEL – É que nós temos um convênio com os coelhos e auxiliamos na logística. Lembra daquela música “jingle bell, jingle bell, acabou o papel...”? É nessa hora que entram os coelhos branquinhos e felpudos...

BULUNGA – (risos) Quanta maldade! Pelo que percebo, o senhor é muito debochado.

PAPAI NOEL – Tenho todo o tempo do mundo para ficar treinando essas tiradas. Afinal, rir é o melhor remédio. E como não ser debochado com esse mundo em que vivemos? Se fosse levar a sério as coisas que andam acontecendo, principalmente na política, ficaria doido.

BULUNGA - Algum recado para dar para as crianças e quem sabe até mesmo para os adultos?

PAPAI NOEL - Não acreditem naquela musica que diz que "seja rico ou seja pobre, o velhinho sempre vem". Não vem, não! Se não trabalhar, não tem rango no prato, entendeu? E presentinho, muito menos. Vão trabalhar, vagabundos,. E um FELIZ NATAL!

JERRY LEWIS

O Rei da Comédia



JERRY LEWIS, pseudônimo adotado por Joseph Levitch, era descendente de russos judeus e nasceu em Newark, Nova Jersey, nos Estados Unidos, em 16 de março de 1926. Os seus pais eram envolvidos com o mundo das artes, pois o seu pai era ator e a mãe pianista. Começou a carreira ainda adolescente, fazendo dublagens de músicas, e foi quando conheceu a veia cômica que o tornaria mundialmente famoso.

O sucesso veio com a dupla formada com o cantor Dean Martin, que fazia o papel de galã, enquanto Lewis era o palhaço, e a atração foi levada para as rádios, casas de shows, para a televisão e para o cinema, chegando a se transformar em personagens de gibis, tamanho era a fama deles.

Mas, a partir de 1950, a carreira de Lewis foi crescendo a tal ponto que chegou a ofuscar o trabalho de Martin, o que levou à dissolução da dupla, em 1956. Ambos fizeram sucesso em suas carreiras solo, mas somente Lewis se transformou em um astro de primeira grandeza, sempre com papéis de personagens ingênuos e atrapalhados, exagerando nas caretas, o que chegava a ser cansativo, mas agradava ao grande público, e também veio, certamente, a influenciar outro astro do cinema, Jim Carrey (O Máscara), que igualmente cansava com suas caretas.

Para quem não sabe, Jerry Lewis foi professor de direção para ninguém menos que Steven Spielberg e George Lucas. Sua carreira deu uma declinada a partir dos 40 anos, mas ainda assim produziu e atuou em diversos filmes e musicais, tendo atuado com o famoso diretor Martin Scorsese, ao lado de Robert de Niro em "O Rei da Comédia".

Em 2013, participou de um filme brasileiro, estrelado por Leandro Hassum, "Até que a Sorte nos Separe 2", em que vive o papel de um atrapalhado

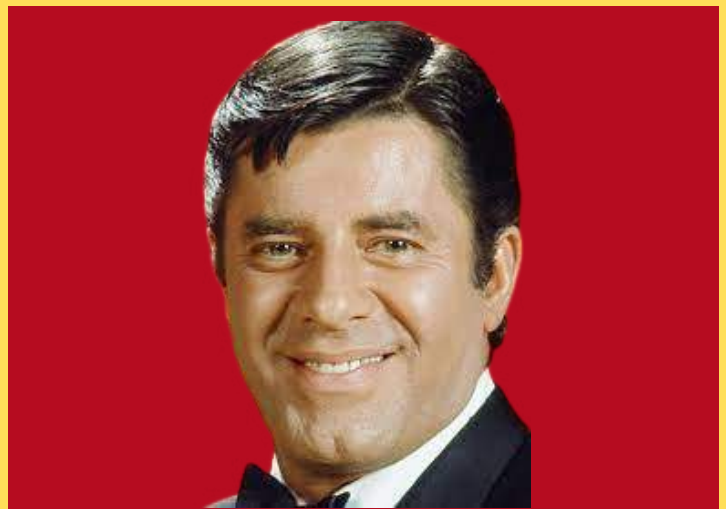


camareiro de hotel.

A vida de Lewis foi retratada no filme biográfico "Martin and Lewis", em 2002, que focava um período da vida do ator, quando vivia a dupla com Dean Martin. Vale dizer que eles se reconciliaram anos depois, em 1987, com a ajuda do amigo comum Frank Sinatra, que promoveu um primeiro encontro, em 1976. Martin morreu em 1995.

Os tablóides se deliciam em explorar a vida pessoal, mas não vamos, aqui, nos estender sobre o assunto. Ele teve sete filhos, seis do primeiro casamento e uma do segundo, sendo alguns adotivos. Uma polêmica envolveu a exclusão dos seus seis primeiros filhos do seu testamento, mas também teve uma filha fora dos casamentos, que não foi por ele reconhecida, e que virou moradora de rua e morreu de overdose.

Jerry Lewis morreu aos 91 anos, após vários problemas de saúde, sendo que o principal foi um sério problema de coluna que o acompanhou durante décadas, resultado de um acidente em 1965, em uma filmagem, que o obrigava a tomar fortes remédios. Mas também teve câncer de próstata, meningite viral, diabetes e fibrose pulmonar, além de vários ataques cardíacos, o que prova que a vida pode não ser exatamente uma comédia.



O FUNCIONÁRIO PADRÃO

um conto de Michel Salomão

Ele era todo certinho. Sistemático. A mesa dele era impecável, organizada, impossível encontrar um grão de poeira, pois habitualmente agradecia à faxineira do andar e fazia questão de limpar ele mesmo com um paninho limpo e um frasco com spray que guardava em sua gaveta trancada à chave. Muitos gostariam de saber o que havia lá dentro, as ele jamais descuidou, largando-a aberta.

Não bebia, não fumava, não usava outros tipos de drogas e gostava de usar camisa de margas curtas, sempre por dentro da calça, abotoada até o pescoço. Usava calça social justa, a barra dois dedos acima do calcanhar. Os sapatos rigorosamente engraxados, combinando com os cintos. O cabelo era dividido ao meio, com muito gel, colado na cabeça. Usava um bigodinho ralo e tinha algumas sardas nas maçãs do rosto, que eram levemente rosadas.

Não tinha como passar despercebido. E todo mês ganhava o prêmio de melhor funcionário da empresa. A direção já estava até pensando em acabar com a premiação, pois estava caindo em descrédito, mas sempre que tentavam mudar o critério, ele se reorganizava e conseguia vencer.

Hoje em dia, chamam de autista esse tipo de personagem, mesmo sem o ser. O nome dele era Leonardo. Não tinha amigos. Nunca teve uma namorada. Ou melhor, teve: inventaram uma namorada virtual para ele. Tinha até nome: Sheila. Pegaram a foto de uma modelo na internet e enviaram um zap pra ele. Compraram até um chip pré-pago só pra poderem zoar. Inventaram uma história cabulosa, que ela era amiga da amiga de um amigo, e que um dia o viu no balcão e se interessou por ele. E o Leonardo caiu na conversa. Ficou apaixonado. Passou a se perfumar - o cheiro era horrível - e o pessoal quase acabou com a brincadeira só por causa disso, mas o tal namoro foi sendo levado por quase três meses. Conseguiram várias outras fotos da modelo em suas festas, viagens, piscina, fazendo as tarefas de casa, e os textos eram construídos com uma habilidade sobrenatural pelos colegas Vanda e Marcelo, tudo acompanhado com empolgação pelos colegas, como se fosse um verdadeiro Big Brother.

Até que um belo dia resolveram marcar o encontro dos dois, mas, na verdade, seria um dos colegas que vestiria o uniforme emprestado da secretária do andar, e colocaria uma peruca loira que um outro tinha guardado do carnaval.

Quando Leonardo chegou do almoço, disseram que

ela o estava esperando no refeitório. Ele ajeitou os cabelos lambidos com todo esmero, ajeitou a camisa por dentro da calça, apertou o cinto, passou os dedos no bigodinho e entrou todo emocionado no recinto, onde todos os colegas o estavam aguardando, com chuva de papel picado e apitos. A “Sheila” estava ao fundo, sentada de costas, e quando se virou o nosso colega esquisito pôde fatalmente perceber que tudo não passava de uma brincadeira. Mas não reagiu dessa forma. Aquilo mexeu com ele. Daí em diante, passou a se descuidar. Parou de usar o gel, já não abotoava a camisa e um dia foi visto usando meias de cores diferentes em cada pé. No final do mês, não ganhou o prêmio de melhor funcionário, e alguns colegas notaram que vez ou outra chegava com cheiro de bebida alcoólica. Ficaram com muito remorso, mas não sabiam como consertar o erro cometido.

Um dia se reuniram para tratar do destino do colega e decidiram contratar uma garota de programa bem bonita para tentar animá-lo um pouco, e um dia ela apareceu lá na firma, no balcão, e puxou conversa com o Leonardo. A princípio ele não se animou, mas nas visitas seguintes perceberam que havia retomado o gel no cabelo, raspou o bigodinho e passou a usar roupas mais “descoladas”. Depois ficaram sabendo que havia engatado um namoro a tal garota. Mas aí veio a preocupação: e quando soubesse que ela havia sido contratada para ficar com ele, e que era uma garota de programa? Poderia ser pior.

Combinaram com a garota que ela deveria terminar o namoro, de uma forma bem sutil. A princípio ela não queria, porque havia começado a gostar do rapaz, mas depois de acertarem uma boa quantia, aceitou. E assim foi.

No dia seguinte, Leonardo chegou ao serviço inabalável. Bateu o ponto, foi para a sua mesa, organizou as suas pastas, preencheu os formulários como sempre fazia e saiu para o almoço às 12 horas em ponto. Logo em seguida, alguns colegas começaram a passar mal, e a coisa foi piorando nas horas seguintes. Vomitavam uma gosma verde e fétida, que depois foi assumindo tons vermelhados até chegar a um vermelho vivo, e vários tiveram que ser encaminhados ao hospital. Ao final da tarde, quatro já haviam morrido. Envenenamento. O garrafão de água mineral, descobriram depois. E Leonardo nunca mais foi visto, em lugar algum do planeta.



SÓCRATES: A IMAGEM DE DEUS NEUTRALIZA O MAL

Guido Malaparte

Sócrates descreveu como exceção para todos os tempos, e acabou por tornar-se regra nos últimos cem ou mais alguns anos, e quase unanimidade nos dias atuais, seja por dolo, seja por ignorância e incapacidade de muitos percebê-lo, seja por descuido, apatia ou o desejo de copiar o "espírito" do senso comum; a fazer o filósofo revirar no túmulo. Vamos, então, a ela!

Ao mesmo tempo em que afirmou o "Imago Dei" no homem, ele também descreveu que, quanto mais o homem se afasta de Deus e de sua santidade, mais o "Imago Dei" se esvanece e sucumbe à natureza pecaminosa. Ou seja, a formulação produzida por Santo Agostinho séculos depois, e proclamada por profetas, apóstolos, pela igreja em geral e, especial e necessariamente por Cristo, era uma ideia compartilhada com o filósofo grego.

Evidente o povo de Deus ter a melhor resposta, na verdade, a única resposta: pois o Deus bíblico e pessoal, na pessoa do Pai, Filho e Espírito Santo é o único Deus. Todos que se aproximarem dele, verdadeiramente (não vale a adesão nominal, quando o coração está voltado e focado no serviço ao pecado), estarão mais distantes dos efeitos noéticos, e do mal a sucedê-lo.

Infelizmente os tolos pensam que não pagarão pelos seus desvios, enquanto um bando de medrosos alisam sua própria vaidade, distraídos o suficiente para não se aperceberem tolos e ludibriados pelo próprio orgulho e presunção.

Mas é, contudo, a imagem de Deus que neutraliza o mal, segundo Sócrates. O que, mesmo não sendo dito dessa maneira pelo Cristianismo, acaba por ser uma percepção cristã: mais próximo de Deus, mais distante do mal. Mais distante de Deus, mais próximo do mal.

Vale a pena a reprodução do trecho do livro:

"Sócrates: As demais aparências de habilidade e de sabedoria, quando se mostram no exercício do poder público, são conhecimentos grosseiros, nas artes, vulgaridade. Assim, quando alguém é injusto ou ímpio, por ações ou palavras, será melhor não conceder-lhe que todo o seu êxito se baseia na astúcia, pois esse indivíduo se envaideceria com o reparo, muito ancho por ter ouvido dizer, segundo crê, que não é néscio ou fardo inútil sobre a terra, porém homem como terão de ser os que melhor sabem vencer na vida pública. A esses tais é preciso dizer-lhes a verdade: que são tanto mais o que julgam não ser, quanto menos sabem o que são. De fato, todos eles desconhecem qual seja o castigo da

injustiça, o que menos do que tudo não se pode ignorar. Não é o que todos pensam; castigos corporais e morte, de que os malfeitores muitas vezes escapam, sendo penalidade a que ninguém se exime. Teodoro: A que penalidade te referes?

Sócrates: Na própria ordem das coisas, amigo, há dois paradigmas: um divino e bem-aventurado; outro, contrário a Deus e miserabilíssimo. Porém nada disso eles percebem; a ênfase e a demência em grau máximo os impedem de sentir que com suas ações injustas eles se aproximam do segundo e cada vez mais se afastam do primeiro. São castigados pela vida que levam, conforme ao modelo de sua preferência. E se lhes dizemos que se não renunciarem àquela habilidade, depois de mortos não serão recebidos no local estreme de maldades e aqui em baixo terão de levar vida conforme seu caráter; os maus convivendo com a maldade; tudo isso eles escutam, sabidíssimos e astuciosos, como palavreado vazio, de pessoas desprezíveis".

Em um mundo onde o pensamento relativista ganha cada vez mais sentido, ou melhor, o antissentido da razão, em que uma avalanche de pseudoverdades ou meias verdades, como queira, são confundidas com verdades e qualquer pode ter a sua ao seu bel-prazer mesmo que ela esteja em flagrante oposição à verdade, torna-se fundamental voltar-se aos estudos e meditações dos filósofos gregos e latinos. Por exemplo, ler as descrições naturais de Aristóteles à partir da observação, assimilação ou diferenças, e assim compreender que existem de fato verdades absolutas e contra as coisas ninguém pode fazer nada, mesmo que proteste dia e noite, por toda uma vida, essas verdades permanecerão inevitáveis e universais. Assim, é o relacionamento do homem com Deus, ou o relacionamento de Deus com homem. Talvez, por isso, muitos se sintam obrigados a usar de subterfúgios e esquemas malabarísticos mentais a fim de resistir e negar a inviolabilidade veraz e imutável e entregar-se à subjetividade; o domínio do conhecimento não parte de fora para o íntimo, mas do íntimo para fora, de maneira que tudo, ou praticamente tudo, tem explicação ou pode ser entendido não pelo que é de fato, mas pelo que o observador considera, inferi e aprisiona com os seus

sentidos e opiniões.

Sócrates demoliu esse estado de coisas há milhares de anos, mas como o seu pensamento é por demais "clássico", as novas gerações preferem se apegar aos embusteiros e falsos intelectuais, sempre dispostos a coaptar homens e mulheres frágeis, à procura de consolo psicoemocional, e dispostos a entregarem-se a qualquer promessa de aplacar as consciências, mesmo resultando no aumento da própria vulnerabilidade.

E à humanidade não resta muito, ou quase nada, se o êxtase e o frenesi em obsessão e capricho. É como estar disposto a lutar com uma alcateia de leões famintos tendo apenas a si mesmo como recurso. Sabemos no que dará, mas o relativista provavelmente tem a convicção de vencer os leões, e ainda chutar-lhes os fundilhos.

Livro: "Teeteto"

Autor: Platão

Páginas: 77

Sinopse: "É um diálogo platônico sobre a natureza do conhecimento, talvez sendo apresentado pela primeira vez na Filosofia, o confronto entre verdade e relativismo."

DIVULGAR A LITERATURA, AUTORES CONSAGRADOS E INDEPENDENTES, "SEBO & ARTE" SE PROPÕE A OFERECER O MELHOR ACERVO DE LIVROS NOVOS, USADOS E RARIDADES.

LOUCOS POR LIVROS E LEITORES VORAZES, IMAGINAMOS UNIR O ÚTIL AO AGRAVÁVEL E LEVAR ATÉ VOCÊ A NOSSA EXPERIÊNCIA EM LITERATURA, OFERENDO OS MELHORES PRODUTOS E ATENDIMENTO.

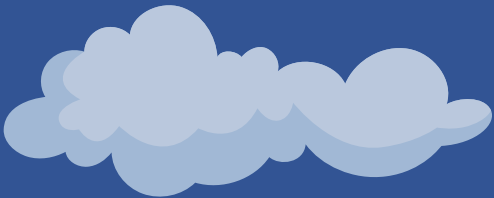
CRIAMOS A "SEBO & ARTE" PARA EXTRAVASAR A NOSSA PAIXÃO.

COMPARTILHE TAMBÉM O SEU AMOR POR LIVROS E CONHECIMENTO.



SEBOEARTE.COM





CONVERSA DE CRENTE

por JORGE F. ISAH

O Objetivo Final

Em recente conversa, foi-me perguntado qual o objetivo de Deus para o crente. E, concluiu: seria a salvação? Pensei alguns segundos, e respondi quase de estalo: Não!

Mas, então, qual o propósito de Deus para as nossas vidas?

Sei que o fim de tudo é a sua glória. Ele não quer nada menos que isso, que o seu nome seja louvado por toda a criação, e em especial, pelo seu povo. Esse é o objetivo final de Deus para a sua obra, que ela o exalte, revelando-o como Senhor e Criador bendito e glorioso. Acontece que essa é a resposta para outra pergunta, não aquela.

Na verdade, pode-se dar vários significados à pergunta, e abordá-la em múltiplas formas, e em diversos contextos. Desde a importância do cristão na igreja, como parte do corpo e sua contribuição para a obra dos santos, como a sua ação individual na família, no trabalho, na escola, na comunidade. Há aspectos e áreas em que o crente atuará: nas artes, na cultura, na política, filosofia e, sobretudo, na religião. Mas nada disso se configura o objetivo divino, antes são os meios pelos quais o Senhor nos usará para realizar a sua obra, e responder à pergunta não formulada e já respondida, sobre o fim de tudo.

Igualmente, a redenção, salvação, santificação não são os objetivos finais para o crente. Repito: Deus usará toda a sua obra para que o fim seja alcançado: a sua glória. Da mesma forma serão usados meios para que sejamos, ao final, exatamente o que ele quer que nos tornemos. Por isso, farei um resumo da Criação e Redenção, em alguns pontos específicos apenas, sem pensar em ser exaustivo.

Deus criou o homem à sua imagem e semelhança [Gn 1.26]. Adão era para ser o “top” da Criação, a criatura perfeita, aquela que revelaria o esplendor da glória divina. Contudo Adão foi incapaz de preservar-se a si mesmo, e caiu no Éden [Gn 3.2-8]; e com ele, toda a humanidade caiu; com ele,

morremos espiritual e fisicamente, de tal forma que tivemos os olhos abertos para o pecado [v.7] e fechados para Deus. É interessante como a Bíblia revela que os olhos de Adão e Eva foram abertos, e a consequência foi reconhecerem-se nus, necessitando guardarem-na em vestes cozidas de folhas de figueira. Ao mesmo tempo em que seus olhos estavam fechados para a comunhão com o Senhor, o que os fez esconderem-se de diante da sua face, entre as árvores do jardim [v.8]. Dali em diante, a constatação é a de que o homem se degradou progressiva e rapidamente, ao ponto da sua maldade se multiplicar sobre a terra “e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente” [Gn 6.5]. É o que Paulo diz, também: “Porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu” [Rm 1.21]. O restante da história, não é preciso descrever. Uma pausa.

Tudo no universo tem por objetivo revelar a Deus. O homem foi criado para isso. A Lei entregue a Moisés, também. Mas somente Cristo, o Filho Amado, foi quem o revelou [Jo 1.18]. Muito antes dos céus e terra surgirem, estava determinado que o Verbo encarnaria, far-se-ia homem como nós, para que Deus nos fosse revelado. Muito antes de Adão cair, estava certo que Cristo viria ao mundo. Pois, somente assim, seria possível conhecer o Pai na plenitude do Filho, “o qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa” [Hb 1.3] mostrou-nos a si mesmo, Deus.

Como homem perfeito, santo e imaculado, diferente do Adão terreno, Cristo, o Senhor, o Adão celestial [1Co 15.46], encarregou-se de resgatar e formar, pelo seu sacrifício, poder e vontade, filhos verdadeiros do Deus vivo, como está escrito: “mas recebestes o Espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai.... E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus, e coerdeiros

de Cristo: se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados” [Rm 8.15, 17].

Novo parênteses.

Quando Paulo diz que com Cristo padecemos para que sejamos glorificados, descreve-nos exatamente o que aconteceu ao Senhor. Era necessário que o seu sangue fosse derramado para que houvesse paz, e “por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra, como as que estão nos céus” [Cl 1.20]. Primeiro, humilhando-se e sujeitando-se à vontade do Pai, o santo fazendo-se pecador; aquele que não pecou levou sobre si os pecados de muitos, para congregar em si “todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra” [Ef 1.10]. Com isso, Paulo não está a afirmar que todas as coisas serão reconciliadas com Cristo, nem todos os homens, nem todos os anjos. Não há perdão para satanás e seus demônios, nem para os ímpios, os quais não serão restaurados e nem participarão do reino celestial. Há, porém, a necessidade de uma redenção cósmica, onde todo o universo entrou em colapso e desordem por causa da desobediência no Éden, e será restaurado a seu tempo, visto a criação gemer com dores de parto, e estar sujeita à vaidade de quem a sujeitou, o homem; esperando a libertação da servidão da corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Deus [Gn 3.17, Rm 8.19-22].

No grego, a palavra congregar é “anakephalaiomai” que tem o significado de juntar tudo sobre um mesmo princípio unificador, ou seja, reunir os eleitos, homens e anjos, debaixo da mesma cabeça, Cristo. Ele é quem nos une, e nos manterá unidos sobre a sua graça eternamente. O apóstolo não está a falar de uma redenção universal, no sentido de que todos serão expiados e salvos, mas de uma redenção particular, somente para aqueles que

o Pai entregou ao Filho para que por ele o seu nome fosse manifestado aos eleitos [Jo 17.6].

Segundo, humilhando-se a si mesmo até a morte, Deus o exaltou soberanamente, “para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra. E toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai” [Fp 2.10-11]. Todos, sem exceção, santos e ímpios, anjos e demônios, se prostrarão diante dele, e proclamarão que reina sobre tudo e todos, eternamente. E assim como Cristo, devemos padecer até a morte [no espírito carnal e físico], para sermos, com ele, glorificados na vida [temporal e eterna].

De volta à pergunta original.

Podemos afirmar que a eleição, o chamado, a regeneração e salvação, e a santificação não são os objetivos finais de Deus, mas partes do processo que culminará no objetivo final: que todos os seus filhos se tornem como Jesus Cristo; “porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos” [Rm 8.29]. Essa foi a resposta que dei naquela ocasião; Deus nos quer e sempre nos quis como a seu Filho Amado, de forma que tudo, desde o seu início, muito antes de fazer os céus e terra, tinha por certo isso: fazer um povo que em tudo fosse semelhante a Cristo, e pudesse reconhecer-se nele, como imagem agora perfeita, santa e imaculada, assim como ele é; assim como desfruta do amor do Pai, também o desfrutamos. Somos participantes em tudo que o Senhor também participa, a fim de que ele seja tudo em todos. Nem menos, porque a perfeição e santidade somente podem ser na medida exata de Cristo; nem mais, porque é impossível qualquer variação naquele que é, e se faz conhecido como o “Eu sou”.

E o que ele é, jamais pode não ser.



Não se lembrava da última vez em que vira o sol. Estava a tanto tempo enfiado na solitária, em meio à escuridão excessiva ou em meio a iluminação excessiva (tudo dependia das táticas a persuadi-lo e torturá-lo. As vezes ficava dias sob a exposição luminosa, em outros, sob trevas), que os dias transcorriam sem saber onde estava no calendário.

Não tinha contato com ninguém, e a comida era-lhe colocada dia sim ou não, assim supunha, em uma fresta na parte baixa da porta. Normalmente, ouvia apenas o barulho do plástico em contato com o piso, e tão logo chegava, esperava o colega de cela, um camundongo cinzento e arisco, o Jerry, aproximar-se para comer. Juntos, ou melhor, lado a lado, metia a mão no prato e antes de ingerir a pasta viscosa, colocava um pouco no chão para o mascote. Assim transcorriam os dias e noites, noites e dias, e ele os gastava a imaginar quanto ainda ficaria ali, e quanto ainda faltava pagar, e quando estariam os seus algozes dispostos a afrouxar sua sanção, se sairia um dia ou estava fadado a jamais ver novamente o sol ou a lua ou as estrelas.

Recostou a cabeça na parede fria e cochilou. O sono era sempre intermitente, ia e vinha, mais ia do que vinha, e não sabia dizer quantas horas dormia por dia, já que não havia como prever o tempo, a não ser pela refeição presumivelmente também intermitente e, em duas ocasiões, no decorrer de longo tempo, foi levado ao médico para exame. Perguntou qual dia e hora eram, mas nunca o respondiam. Se dirigiam a ele apenas para as questões de praxe: sentia alguma dor, estava cansado, comia normalmente, conseguia dormir, e coisa do gênero.

Quase sempre os sonhos o remetiam ao dia fatídico, quando tudo começou. E novamente se viu diante do assalto. Estava caminhando por uma avenida arborizada, perfilada por canteiros laterais e um canteiro central, em meio ao movimento intenso de tráfego. Dois rapazes, talvez da mesma idade dele, se aproximaram com a intensão de perguntar algo. Foi o que pensou. Parou. Um deles, ao se aproximar, mostrou-lhe uma faca ou canivete e lhe ordenou:

- Perdeu, mané! Passa tudo!

Sentiu o fio da arma a cutucar-lhe o abdômen e já se imaginava rasgado, o ventre aberto, as vísceras expostas, o sangue a jorrar enquanto desfalecia no meio da calçada. Levou a mão lentamente até o braço e tirou o relógio. Era o sinal de não estar disposto a reagir e de entregar tudo. Pôs a mão no bolso e entregou a carteira. Sentiu um cutucão mais forte:

- Anda logo, vamo!

Enfiou a mão no outro bolso e tirou o celular, mas algo o incomodou naquele momento. Ora, bolas, pensou! Por que deveria dar os seus pertences para uma dupla de vagabundos e meliantes enquanto se esforçara tanto para trabalhar e comprar aquelas coisas?... Que seriam vendidas a troco de banana por algumas pedras de crack e em seguida levariam a dupla a assaltar outro e mais outro numa escalada sem fim?... Algo se moveu em seu íntimo, e se lembrou das aulas de karatê na infância e adolescência. A bem da verdade estava meio enferrujado, havia tempos sem praticar ou exercitar aquela arte, e talvez não fosse uma boa ideia reagir. Mas ao observar melhor, percebeu os olhos vidrados, a aparência entorpecida, uma certa confusão mental, e encheu-se de coragem, e enquanto pareceu tirar o celular do bolso, deu um pulo para trás... Eles não esperavam aquela reação, afinal a polícia sempre alardeava a necessidade de não reagir, de manter a calma e entregar os objetos já que a vida era muito mais valiosa do que o dinheiro e bens. Entretanto, era um desaforo, e não aceitaria facilmente ser surrupiado sem defender-se.

Firmou-se na perna esquerda e girou violentamente a direita, acertando em cheio a cara do primeiro, que estava com a lâmina afiada. O segundo, antes de pensar em correr, recebeu um golpe na nuca, e ambos estatelaram-se no chão. Ele chutou a mão do primeiro e lançou a faca no meio do asfalto, e recolheu o relógio e a carteira. Nisso, dois membros da guarda municipal surgiram do nada e o contiveram. Mas ele já estava calmo, enquanto os malandros, atordoados, remexiam-se no cimento.

Ao ser dominado, um dos policiais lhe deu voz de prisão.

- Eu?!... Mas, por quê? Eles são os ladrões!... Apenas me defendi!

Enquanto era algemado e seguro, o outro guarda verificou os meliantes, e ao ver que estavam grogues, acionou pelo rádio uma ambulância. E disse:

- Pode levá-lo! Vou esperar o SAMU chegar.

Diante das queixas do preso, outros transeuntes vieram em sua defesa e confirmaram a história.

- Afastem-se, vamos! – Disse o policial – Quem vai decidir isso é o delegado!

Nisto, outras duplas de guardas municipais aproximaram-se e dispersaram o ajuntamento com ameaças e provocações.

- Vocês não sabem de nada!... Cai fora!... Vamos!... Sumam daqui!...

Na delegacia, após esperar horas, pediu para ligar aos pais em casa; sempre ouvia a mesma desculpa:

- Daqui a pouco... Só um minuto...

Os minutos viraram horas e horas e mais horas...

Quando o delegado chegou, não o ouviu nem quis

saber da sua versão, e foi logo indiciando-o:

- Você será julgado por tentativa de assassinato.

- Eu?! Mas por quê?!

- Não se faça de engraçadinho!... Você agrediu dos jovens que se encontram internados e devem sair somente amanhã ou depois devido aos graves ferimentos.

- Eles tentaram me roubar...

- E isso lhe dava o direito de reagir?!... Onde pensa que está, rapaz! Fazer justiça com as próprias mãos?... Este é um país civilizado e existem leis...

Estava confuso, aturdido na verdade. Não entendia a razão das coisas tomarem aquele rumo inesperado. Afinal, ele tinha o direito de se defender, pois estava sob a mira de uma arma.

- Eu estava na iminência de ser morto por causa da faca... Reagi para salvar a minha vida...

- Faca?! Que faca?!

- A que joguei no asfalto, depois de desarmar o bandido...

- Não se refira a ele como bandido! Não é civilizado, além de ser discriminatório e injusto...

- Ah?!... Injusto?!

Ele não respondeu. Ditou uma série de palavras sem sentido à escrivã que parecia deliciar-se com a situação, e olhava-o com um risinho cretino.

- Leve-o a carceragem, até o juiz decidir. – O delegado disse ao soldado. – Tenha certeza de estar bem preso, pois é um indivíduo de alta periculosidade, concluiu.

Despertava sempre que ouvia, no sonho, o barulho das grades se fecharem. Em meio ao suor, tremores e uma dor de cabeça persistente, certificou-se de estar na solitária. Desta vez, ouviu também o barulho do plástico em atrito com o chão, e os passinhos serelepes do Jerry se aproximarem. Como quem deveria esperar primeiro o movimento humano, o camundongo ergueu-se nas patas traseiras e farejou o ar em busca da oferta. Enterneceu-lhe a atitude submissa e cortês do animalzinho, estendeu o braço e pegou o prato, tirou uma porção de comida e colocou no chão. Jerry farejou novamente e servia-se parcimonioso do banquete. Não estava com fome, mas pegou duas porções da pasta grudenta e levou à boca. O sabor era tão ruim como o de sempre, mas agora, talvez por causa do sonho e das lembranças ainda vivas da prisão e condenação, pareceu ainda pior.

Enquanto mastigava, lembrou-se da sentença proferida menos de 24 horas após a detenção; os pais não foram comunicados e muito menos ouve um advogado de defesa ou alguém a auxiliá-lo. Os trâmites eram sumários e definitivos. De nada adiantou ter menos de vinte anos e nenhum antecedente. Soube, por um policial, que a dupla de assaltantes tinha uma ficha tão extensa que seria incapaz relatar todos os crimes e delitos praticados. Foram soltos com o argumento de não haver prescrição para a supressão de artigos supérfluos

como celulares, relógios, tablets, tvs, notebooks, carteiras, filmadoras e outros similares. Não importava se foram adquiridos com impostos exorbitantes, juro estratosféricos e em 10, 12 parcelas. Não importava se foram poupados por 1, 2 ou mais anos, dinheiro suficiente para comprá-los à vista. Muito menos se houve sacrifícios, cortes no orçamento a fim de não se endividar e tê-los no momento certo. Nem se eram necessários ao trabalho e a manter um relacionamento com parentes e amigos longínquos. Nada disso importava. Como sempre, o governo não criava nada, não produzia nada, e quando não tirava à força o pouco, deixava os comparsas limparem as sobras e o resto.

- Em 12 anos, se tiver bom comportamento, pode ser que a gente reveja a sua pena. Enquanto isso, trate de se comportar e aprenda, de uma vez por todas, que o crime não compensa! – Disse-lhe o juiz, ao pronunciar a sentença.

Não compensa... não compensa... ficou martelando aquilo por semanas a fio, e se convenceu de compensar sim, mas não para tolos como ele que acreditava em papai-noel e mula-sem-cabeça.

A avaliação aconteceria quando tivesse 31 ou 32 anos. Mas ficou sabendo, não se recorda como nem por quem, de alguns deputados com o desejo de enquadrarem o seu caso em prisão perpétua, mesmo não havendo esse dispositivo no Código Penal. E assim, coibir a violência gratuita e fascista, repetiam à exaustão...

Jerry ergueu-se nas duas patinhas e farejou o ar com o focinho peludo. Ele estendeu o prato para o animalzinho. E em sua cabeça, entre as idas e vindas, a colisão de ideias e sentimentos, pensou que tudo aquilo poderia ser um grande pesadelo, e de estar indubitavelmente em uma ilha paradisíaca, ensolarada, e as expensas do melhor entre os melhores anfitriões.

Solfejou “La Bamba”... e meneava a cabeça ao ritmo da música.





O Natal na escolinha maternal “Dr. João William Money” prometia. Haveria uma festinha com direito a palhaços fantasiados de “Papai Noel”, balões, doces, salgadinhos e refrigerantes diet e zero, além de uma encenação moderna do nascimento de Jesus onde são José seria interpretado por uma professora e santa Maria por um dos cozinheiros. Já o menino seria um boneco pardo, de cabelos encaracolados e aparência dândi, pois não tiveram tempo de procurar outro protótipo mais moderno, então se contentaram com esse.

Ismael era um garotinho de classe média, cujos pais eram uma professora de teatro universitário e um jornalista político do jornal “Folhe de Minas”. Ambas militavam por várias causas como a legalização do aborto e da maconha (não nessa ordem necessariamente), pela ideologia de gênero, cotas raciais e o vegetarianismo. Certa vez, em uma discussão com amigos carnívoros, um deles revelou o fato de Hitler e Mao serem igualmente vegetarianos, a fim de rebater a acusação do casal de carnívoros serem assassinos e merecerem a força. Obviamente o amigo não estava comparando o casal aos dois tiranos sanguinários, mas apenas dizendo não haver nada de sagrado ou virtuoso ao se comer apenas vegetais. Os dois, contudo, não entenderam assim: saíram ameaçando o (ex)amigo e, por fim, lascaram-lhe um processo nas fuças. Condenado por difamação, disseminação de fake-news [no Tribunal ficou evidente a inspiração de Hitler como o idealizador, mentor e praticante inveterado das artes do churrasco (analogia que o advogado de acusação fez com os fornos onde inimigos políticos e especialmente judeus foram queimados após morrerem nas câmaras de gás) e ataques antidemocráticos.

“Uma analogia porca e infame”, disse o advogado de defesa, mas o seu protesto foi indeferido. E então a tese de Hitler ser vegetariano ficou provada como falsa, aleivosa e claramente utilizada para denegrir e profanar os princípios nitidamente enlevados do casal. Após alguns minutos, a juíza proferiu a sentença, condenando o (ex)amigo a pesada multa, cujo valor seria revertido ao casal integralmente. Ao serem interpelados pela imprensa aglomerada às portas do Fórum, o marido prometeu destinar 0,01% do valor para a ong nacional: SOS Panda. Duas repórteres do maior conglomerado de mídia do país ao ouvir a declaração, abraçaram os entrevistados e choraram copiosamente. Ao fundo, um grupo animado de jornalistas aplaudiu efusivamente, em meio a gritos animados de “heróis, heróis!”.

Talvez o ápice da festividade na escolinha “Dr. João William Money” seria o sorteio de brinquedos, e o

O Natal na Creche

Kim Jordan

pequeno Ismael ansiava ganhar uma bola de futebol. Ainda não sabia jogar, mas era o mais novo desejo de consumo, já que dispunha de iPhone, iPad e Nintendo, antes de completar cinco anos de idade. Faltava-lhe a bola, e tê-la representaria a realização do sonho de se tornar o novo Cristiano Ronaldo, já que ouvira o pai falar com a mãe que, antes dos 20 anos, ele, o Ismaelzinho, teria tudo e não lhe faltaria nada; e que já se encarregara de garantir ao pequeno rebento um futuro célebre e auspicioso. Mesmo sem entender o significado dessas palavras, ele sabia que o pai sempre cumpria as promessas, assim foi com os eletrônicos, também o foi ao comprou o Gold, um exemplar Shih Tzu, o Silver, um furão, e a Platina, uma Piton Real. Infelizmente, o Gold e o Silver sumiram misteriosamente, enquanto a Platina hibernou por semanas em sua caverna de papelão.

No momento do sorteio, Ismael estava ansioso. Iniciaram com brindes menos votados: bicicleta, boneca cantora, game-boy, tablet e alguns pares de tênis, brincos, alargadores e piercings. Quando chegou a vez da bola, qual foi a surpresa ao saber que seriam duas e, mesmo não entendendo nada de matemática, as chances de ganhar aumentaram. Primeiro, foi uma azul com o logotipo da marca em preto e dourado. De longe, ela era linda. Ele já se imaginava o CR7 brasileiro. Quando saiu o nome de uma menina, uma magricela dentuça e de cabelos pranchados, teve vontade de chorar, mas não chorou. Restava uma bola, e ele cruzou os dedos, fechou os olhos, fez uma súplica a Papai-Noel, e ao ouvir o seu nome o coração bateu-lhe ainda mais acelerado. Demorou alguns segundos para abrir os olhos, após ser cutucado por um colega, e não acreditou: a bola era rosa, um rosa bebê desbotado, com o logotipo lilás e detalhes prateados. Foi uma decepção. Ficou estático, sem sair do lugar. A orientadora, que fazia o sorteio, chamou-o diversas vezes à frente, insistiu e, por fim, foi até onde estava levando o presente. Sorriu espalhafatosamente enquanto lhe estendia a bola.

- Não quero! – Disse rabugento e grosseiramente o garoto.

- Mas por quê?... Toma, é sua! – Empurrou-a contra ele. Ao desferir um safanão, a pelota foi atirada ao chão e picou e rolou no cimento liso do pátio.

- Que isso, Ismael! Não é coisa que se faça! O que deu em você?

Entre resmungos e biquinhos, disse:

- Quero a azul! Rosa não é cor de menino!

- Bobagem! Não existe isso de cor de menino ou menina! – Sentenciou a mulher.

- Existe, sim! E não quero a rosa!

A orientadora, apoiada pela diretora e outras professoras, tentaram convencer o pequeno, mas sem sucesso. Então uma delas teve a ideia de trocar as bolas e dirigiu-se à outra ganhadora, mas ela não quis ceder, mesmo gostando mais de rosa do que de azul, pelo simples prazer de ver o mimado Ismael frustrado.

- Ela é minha! Eu ganhei! Não vou dar para ninguém! – Disse ranheta e malcriadamente.

O dilema persistiu até que a diretora, ansiosa em ir para casa a fim de assistir ao último capítulo da sua série favorita, tomou abruptamente a bola da menina, entregou-a ao menino, e levou a rosa para a menina. Num átimo o garoto abriu um largo sorriso, não sem antes olhar para a magricela e piscar com o canto dos olhos, provocando-a. A menina não se opôs, mas jurou se vingar um dia, e guardou aquela mágoa por anos e anos a fio.

Quando os pais da menina souberam, trataram de processar a escola e pedir a demissão sumária da diretora, o que aconteceu. Na sentença do juiz, Ismael teria de devolver a bola azul ou pagar o equivalente a U\$ 1.000,00 de multa por dia. O pai, por via das dúvidas, fez uma declaração em rede nacional alertando para o perigo de se comprar bolas de cores diferentes e sorteá-las. A partir daquele momento, haveria um acordo tácito posteriormente tornado lei: haveriam apenas bolas arco-íris, e assim todos ficariam satisfeitos.



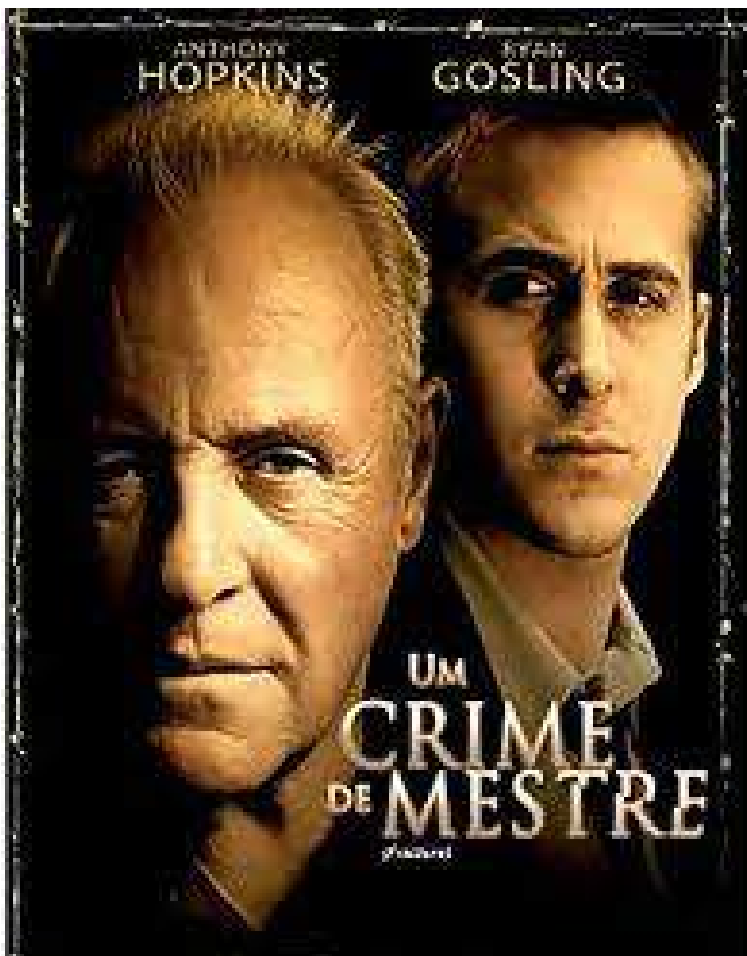
SPOILERS

UM CRIME DE MESTRE

Difícilmente, paro de assistir um filme antes do final, por pior que seja. Mas “Um Crime de Mestre”, filme de 2007 que ainda deve estar em exibição na NETFLIX é insuportável. Os produtores resolveram aproveitar as caras de maluco que Anthony Hopkins aprendeu a fazer em “O Silêncio dos Inocentes”, colocou mais um ator famozinho (Ryan Gosling) e uma trama estúpida e cheia de clichês, fazendo com que este filme seja impossível de se ver. Eu não consegui. Tentei praticar o Harakiri, mas não encontrei a adaga, adquirida há uns 10 anos em uma lojinha no bairro da Liberdade, em São Paulo.

Neste filme, Anthony Hopkins é uma espécie de Hannibal Lester menos genial, no papel de um milionário que descobre que a esposa o estava traindo e resolve matá-la displicentemente com um tiro nas fuças. Mas a mulher não morre. Ah, esqueci de dizer que ela o estava traindo com um detetive bonitão que não sabia que ela era casada, mas que foi escalado exatamente naquele plantão, para desarmar o Hannibal, quer dizer, o Hopkins, que topou numa boa entregar a sua arma, pois tinha na cabeça um plano mirabolante.

Aterrizado com o ocorrido, o tal detetive conseguiu socorrer a amante, mas escondeu de todo mundo que estava coisando com ela, o que certamente ia feder mais à frente.



No julgamento, se recusando a contratar um advogado, o milionário disse à juíza que o tal detetive, que estava presente e que foi o responsável pelo caso, estava abiscoitando a sua esposa. O mais impensável é que o detetive voou no pescoço do corno assassino em pleno Tribunal, deixando a coisa ainda pior para o lado dele.

Pior ainda é que o roteiro tenta ser genial, mas se mostra absolutamente estúpido, principalmente com a inocência da juíza, que não saca as malandragens do psicopata que se acha genial. Vai sendo conduzida que nem um pato com laranja na bandeja, e o desfecho não poderia ser mais idiota. Impressionante é como Anthony Hopkins aceitou participar de uma produção tão estúpida, em troca de alguns milhões. Não cheguei a consultar a crítica, mas acredito que o filme tenha sido recebido com bastante reserva. E se alguém por acaso gostou é mais maluco do que o próprio protagonista do filme.

Doutor Fausto, de Thomas Mann: tomando o lugar do diabo

Jorge F. Isah

Os livros de Thomas Mann não são fáceis de ler, muito menos explicar. Estão carregados de símbolos, analogias, referências históricas, literárias, filosóficas e religiosas que fazem a cabeça de qualquer um andar em círculos, feito barata tonta ou como o camundongo na roda, sem sair do lugar. Por isso, não é uma leitura a se fazer cêlere, mas requer tempo, ainda mais a necessidade de meditar em seu conteúdo parcimoniosa e diligentemente. Mann é meticuloso, detalhista e parece fazer uma pesquisa rigorosa dos temas e assuntos abordados em suas obras de forma a não apenas conhecer o assunto mas conhecer o suficiente para expô-lo como um mestre. Ele não se permite vacilos ou linhas supérfluas, pois tudo tem um propósito, cada personagem, lugar, ideia e ato. Óbvio ser um autor culto, no sentido mais reverente e erudito do termo, por isso não é igualmente fácil, e até aprazível, a leitura dos seus romances, novelas, contos e ensaios. É como alguém escavar uma grande rocha utilizando-se apenas de talheres: é preciso tempo, empenho e obstinação.

Conheço algumas pessoas que desanimaram antes de uma dezena de páginas, alcinhando-o de pedante. Nada é mais injusto ou desproporcional do que isso. Eu mesmo vivo a indicá-lo a amigos e conhecidos, e depois de algum tempo, quando os interrogo, sempre me deparo com as justificativas: não tive tempo ou não gostei, é por demais grandiloquente. De minha parte, apesar de todas as dificuldades, impostas mais por minha própria defasagem do que alguma eventual falha intelectual-literária dele, insisto, e me deparo, não raramente, deslumbrado e arrebatado durante a leitura.

Fiz esta introdução para alertar o leitor de que as minhas impressões a seguir não são exaustivas ou dão a dimensão do universo “manniano”; são apreensões e impressões muitas vezes insatisfatórias e limitadas, na tentativa de arrastar um e outro para esse mundo complexo (não há aqui qualquer sugestão de hermetismo; fique claro!), entretanto fascinante e irresistível.

Quase todo mundo já se deparou, ao menos uma vez na vida, com a história de Fausto, o sábio humanista que vendeu a sua alma ao diabo (Mefistófeles) em troca da satisfação dos seus desejos. Mann utiliza-se da tragédia escrita por Goethe para fazer uma alegoria entre o personagem principal, Adrian Leverkühn, e a Alemanha, mais especificamente a Alemanha Nazista. Ao contrário de

Goethe, o “Dr. Fausto” de Mann é implacavelmente derrotado; se em Goethe o “Fausto” alcançava a redenção, em Mann ele é punido severamente.

Mas antes de entrar nesse aspecto, há de se ressaltar o volume assombroso de informações contidas na narrativa sobre teologia, filosofia e, especialmente, música. Thomas teve o auxílio de Theodor Adorno (filósofo, musicólogo e compositor alemão pertencente à Escola de Frankfurt), que se tornou seu conselheiro, entre outros músicos e amigos, a elaborar os inúmeros detalhes e diálogos sobre composição musical. Chega a ser asfixiante o número de informações apresentadas, que para leigos e nada iniciados na arte criativa de ritmos e harmonias de sons como eu (em um trecho encontra-se pormenores a respeito do “dodecafonismo” criado por Leverkühn; entretanto, na vida real era originalmente de Schoenberg, e levou o autor a se retratar em edições posteriores, a reconhecer a técnica como criação desse), se apresenta instigante mas ao mesmo tempo intimidadora. Mann é sempre assim, ele não deixa nada apenas na superfície; escava várias e várias camadas até atingir as profundezas da alma humana, o conhecimento e a realidade como poucos autores são capazes de alcançar.

A história versa sobre a vida e obra de Adrian Leverkühn contada pelo amigo e admirador Serenus Zeitblom. Ambos vão estudar na universidade de Wittenberg (alusão a Lutero e o protestantismo), e Adrian pretende se formar em teologia. Entretanto, ao ouvir uma palestra de um musicólogo, Kretzschmar, que não acredita na subordinação da música e cultura à religião (esteticismo), se interessa por polifonia e harmonia, e segue para Leipzig a fim de estudar com o seu novo mestre. Com o passar do tempo, ele abandona a polifonia e os princípios tradicionais da composição clássica e se aproxima dos elementos atonais e sua caótica “organização”; era a história e os valores tradicionais sendo escamoteados em favor de uma nova ordem liberal e moderna, e levou ao colapso a maior parte do mundo. Assim, quando o narrador, ao vê-lo abandonar a teologia em favor da música, e as mudanças radicais de composição, começou a temer pelo futuro do amigo, em vista da sua abrupta mudança de objetivo: o afastar de Deus e chegar-se perigosamente ao mal. Com o passar do tempo e o envolvimento com estranhas companhias, se depara-

rou com uma personalidade demoníaca, ao isolar-se, a demonstrar uma “frieza” até mesmo com a música, algo meramente racional e pragmático, apesar da sua genialidade.

Lá pelo fim do segundo terço, ocorre o pacto entre Leverkühn e Mefistófeles (um diálogo magistralmente composto por Mann), e este concorda em dar àquele a genialidade criativa, a fama e o reconhecido talento musical. Em contrapartida, existe um senão: Adrian está impossibilitado de amar e, conseqüentemente, ser feliz, além de sofrer com fortes enxaquecas e dores abdominais advindas da sífilis contraída com a amante, Esmeralda. Pouco a pouco a sua personalidade se tornará cada vez mais sombria, orgulhosa, desumana, ao ponto de o devotado Serenus (a antítese do temperamento irrequieto de Adrian) introverter-se, sintoma do agastamento pelas mudanças negativas. A degradação física, moral e espiritual de Adrian tem a Alemanha como pano de fundo. A sífilis tal qual uma ideologia totalitária a desprezar os valores morais e éticos do cristianismo em prol do niilismo e do esteticismo nacionalista (uma fusão destrutiva com o fim de se sobrepor e aniquilar qualquer forma de influência moral e cultural tradicionais), levará Adrian e a Alemanha ao mesmo fim, vitimados pela própria arrogância e autonomismo, levados à loucura e delírio máximo pelo narcisismo. Adrian se confunde com a história alemã do entreguerras, e perde a noção da ruína na qual se formou. E por causa do pacto diabólico, mesmo o pouco amor e empatia que lhe restava, transformou-se em tragédia na qual se arrasta a si e a outros pela vida.

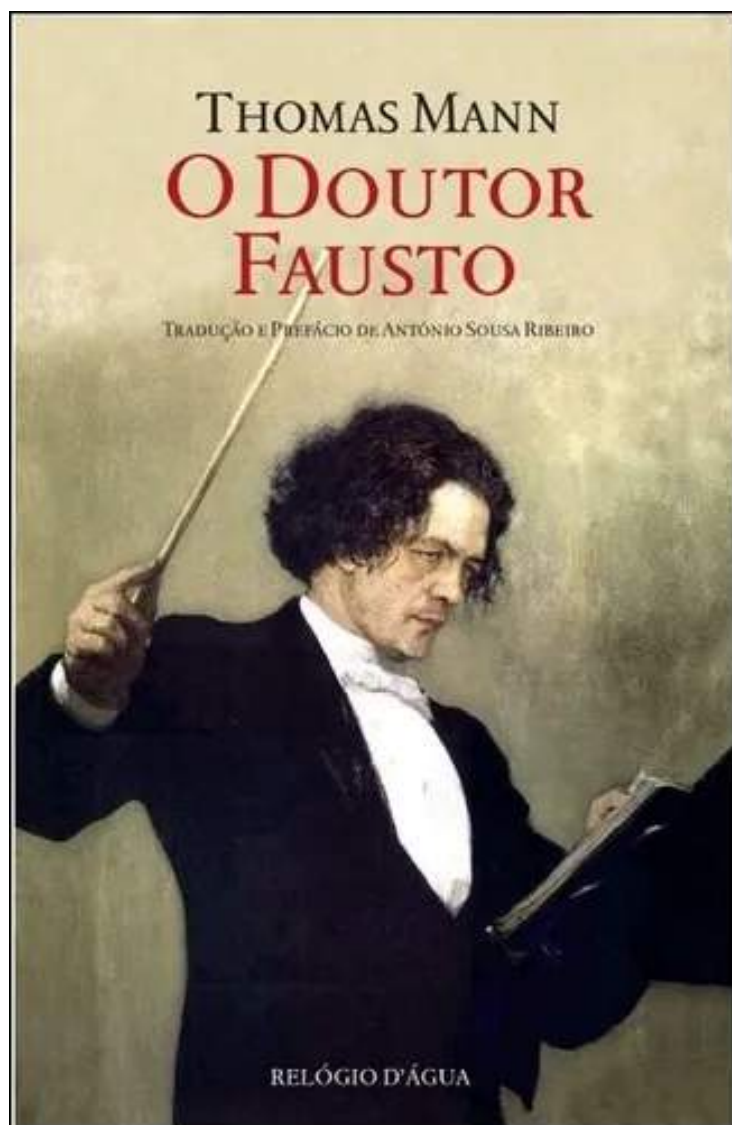
Quanto a Serenus, a sua passividade em relação à autodestruição do amigo e conseqüente destruição de quem está próximo (o Midas ao contrário, onde o toque do mal produz apenas mal), inspira a reflexão em relação aos negligentes diante da possibilidade de resistência, à qual rejeitaram, deixando-se entregar à enxurrada de desgraças, conformados em deslizar a favor da correnteza. Ele mantém o relacionamento com Adrian numa espécie de cumplicidade, o fazer vistas grossas, ao receber alguma dignidade pelo tratamento familiar e exclusivo dispensado por Adrian, e o orgulho de participar do seu círculo de amizades. Não havia o porquê de confrontar o amigo, bastava acompanhá-lo, o mais próximo, em seu declínio moral e espiritual.

Em tempos onde o mundo é soterrado pela própria aspereza ideológica, política, cultural e intelectual, bem aos moldes da Alemanha pré-nazista, e potencializado por ela (o mesmo vale para qualquer governo marxista, socialista ou que o valha), onde os ideias revolucionários, juntamente com as chamadas “políticas sociais” e o liberalismo, são motes para o controle, manipulação e reengenharia da sociedade,

os alertas de Dr. Fausto deveriam ecoar como sirenes antiaéreas, iguais às usadas na Europa durante a I e II Grande Guerra, pois a história é cíclica, de tempos em tempos se repete, e a tragédia fáustica parece próxima de se concretizar, todavia, em caráter global.

Não à toa, a obra máxima de Leverkühn, o *Apocalypsis cum Figuris*, afigura-se literalmente o rumo maligno que a vida de Adrian/Alemanha tomaram ao desprezar os valores ordenadores da vida (refiro-me aos princípios cristãos), substituindo-os pelo colapso mortal e inevitável de uma ilusão de autonomia e tentativa de reconstruir o homem e o mundo. Em outras palavras, ao afastar-se de Deus e de sua condução, a humanidade depara-se consigo mesma em sua pior performance.

Ao descrever o pacto diabólico ficcional, Mann expõe a realidade do inferno, a insensatez e desvario de milhões, quiçá bilhões de adãos ao entregarem-se à cilada da serpente e desejar ser como Deus.



coluna do

ClodoKill

Fernandes

Maxwell estava na 8ª série e odiava a escola. Era muita lenga-lenga, discursos e atividades extracurriculares a preencher os momentos em que se deveria ensinar coisas necessárias e fundamentais para a vida. Distribuíam-se mais pontos para aulas de dança, teatrinhos, trabalhos sobre diversidade, multiculturalismo, sexismo, feminismo e inclusão social do que matemática, física, português ou biologia. Geografia e história praticamente se resumiam a locais tipicamente escolhidos a dedo, Cuba, África Subsaariana ou negra (era terminantemente proibida a utilização do termo “África Negra” considerado pejorativo e preconceituoso, sabe-se lá porquê), Nicarágua, Venezuela, Coreia do Norte, China e seus pares. As culturas desses países eram elevadas ao ápice do melhor a haver no mundo, quiçá no universo, igualmente as políticas, igualdades sociais e espíritos humanitários e democráticos muito superior e avançado em relação à maioria das nações, capaz de fazer Maximilien François Marie Isidore de Robespierre parecer o balconista de açougue.

Maxwell não se convencia daquilo. Desde pequeno notara a obtusidade, linearidade e ignorância dos seus professores. Por isso, estudava em casa, utilizando-se de diversas fontes, para se certificar da verdade e da mentira, do embuste e honestidade, da dissimulação e sinceridade, do fato e do sofisma. Chegou a discutir com muitos dos seus “mestres” em sala de aula e fora dela, mas sempre era silenciado com o argumento de ser jovem demais e saber muito pouco em relação à vida. Ele se dispunha a informar suas fontes, citando livros, autores e palestrantes com uma precisão rigorosa, mas tudo isso era desprezado pelos educadores, e ficava evidente não entenderem lhufas do que o garoto estava a dizer e propor. Em contrapartida, mandavam-no estudar e deixar de dar pitacos sobre assuntos que não entendia.

Com isso, era visto como um problema, ou melhor, um garoto problema, que não se satisfazia com os argumentos frágeis e falseados apresentados em sala de aula. E ganhou, de quebra, a aversão também dos colegas; muito pela inveja e despeito de reconhecerem nele algo que não tinham ou não eram capazes de ter e provavelmente jamais teriam, preferindo o desalento adocicado de uma vida estudantil confortável e preguiçosa.

Maxell, Smart

O corpo docente e a maioria dos alunos da escola, não tendo como domesticá-lo, resumiam seus ataques a risos e deboches, fofocas e perseguições as quais se tornou o único alvo. O rigor empreendido com Maxwell nem de longe era aplicado a outro aluno. Nas ciências exatas ele ia bem, porque não havia margem para interpretações (mesmo um e outro questionando o seu método de alcançar os mesmos resultados dos professores, mas era quase impossível tirar-lhe pontos), contudo, nas áreas não-exatas ele tinha de mover céus e terras a fim de tirar notas medianas. Só não repetia de ano porque não havia mais repetência e todos passavam independente das suas deficiências, visto que expô-las seria uma forma de preconceito institucional ou coisa que o valha. Havia ainda o fato de que despachá-lo para outra série era a melhor forma de se verem livre dele.

O pai de Max (apelido carinho de família) dizia:

- Filho, trate de tirar o diploma, formar-se e não entrar em conflitos na escola.

- Mas pai, não dá! A maioria dos professores são uns incompetentes para ensinar, pois se contentam em seguir cartilhas e manuais nitidamente anômalos, de autores desqualificados e preocupados apenas com o viés ideológico.

- Sei disso, mas são as regras... fazer o quê?... Não dá para lutar contra o sistema, infelizmente.

- Hoje, o professor de história afirmou com todas as letras que a Revolução Industrial começou na Rússia Bolchevique, e salientou ser o trabalhador o mais importante na relação industrial-comercial, pois sem ele não existe produção nem comércio. Eu aponte o seu erro, pois não era verdade; nem a Revolução Industrial começou na Rússia, já que foi na Inglaterra, nem empregador e trabalhador são os mais importantes, eles existem apenas e tão somente para satisfazer o consumidor. Então, na linha primeira e final da produção e do comércio está o cliente, pois, sem ele não existe nada...

- E o que ele disse? – O pai preocupou-se, pois era evidente a empáfia e arrogância da maioria dos educadores modernos que se consideravam a última bolacha do pacote.

- Ele?... Simplesmente riu. Começou a rir desbragadamente, enquanto a classe o acompanhou. Me disse para sentar e me calar; e ainda me chamou de pobre-coitado e ignorante... Em momento algum tentou contra-argumentar ou me refutar... Insisti mais um pouco e disse: Por que não me responde ao invés de rir, como se rir fosse resposta?... Ele desviou o olhar de mim e varreu a sala com os olhos, a procurar anuência, e falou quase aos berros: Não vou me rebaixar a tanto! Agora, sente-se!... Percebi que não valia a pena insistir, mas não me sentei. Peguei a mochila e saí da sala. Enquanto ele dizia: Vai, vai mesmo, geniozinho de merda!

- Ele disse isso?!

- Sim. Mas não liguei. Pensei que fosse me entregar para a diretoria e eu seria novamente suspenso, mas não teve coragem. Fiquei do lado de fora até terminar a aula, lendo Platão. Foi bem melhor do que ouvir as besteiras dele.

- Eu já lhe disse para não levar esses livros para a escola!... Sabe que isso pode lhe causar sérios problemas e também para nós. Por que não joga no celular como todo garoto da sua idade?

- Ah, pai! Não me venha com essa, por favor!

- É que temo pelo seu futuro, filho. O mundo está mudando rapidamente, e é preciso você se adaptar, senão será muito difícil conseguir um lugar ao sol, se me entende... Temos de correr para aonde o rio vai, não é!

Max não se conformava com a resignação paterna. Entendia a sua preocupação, coisa de pai, mas a aceitar aquele mundo como algo normal, benéfico e real, havia uma grande diferença.

- No fim das contas, o diploma é o que importa... – Disse sem muita convicção o velho. O garoto resolveu encerrar a questão.

- Sim... e vou consegui-lo, fique tranquilo!

Recebeu um tapinha nas costas e foi para o quarto. Na estante, pegou “Os Demônios”, de Dostoiévski, a continuar a leitura. Antes de abrir a página marcada, imaginou-se daqui a dez anos, formado, talvez casado ou namorando, e tão sem amigos como agora. Mesmo fazendo praticamente tudo o que um adolescente é capaz de fazer, as vezes melhor, jogar futebol, pescar, nadar e se aventurar em atividades pouco desejadas: rapel, escaladas e mergulho, gostava mesmo era de estudar e pesquisar, descortinar os céus e as lâminas microscópicas, e não se contentava com o bê-á-bá curricular, onde a maioria deveria sair em camisa-de-força, tal o grau de alucinação e delírio ao se diplomarem.

Pensou em como seria difícil a sua jornada acadêmica; se veria forçado a coexistir durante boa parte do dia com mentes formatadas pela exposição fadigosa e insana dos mantras politicamente corretos



e da desinformação. Talvez fosse melhor sair da escola, mas não podia, senão seus pais seriam presos. Pensou em mudar de escola, mas onde encontraria um local em que a discussão reflexiva existisse, ao invés do proselitismo intransigente, uma ideia fixa a imperar na consciência e determinar pensamentos e ações dos indivíduos?... Talvez, o silêncio na escola... não era difícil repetir os mantras recitados em quase todas as aulas, independente da matéria ou quem a ensinasse. Não era digno ou nobre, mas facilitaria a diplomação. Enquanto isso, gastaria o seu tempo em aprender com os verdadeiros mestres de suas áreas, por meio dos livros.

Colocou o grosso volume ao lado da cama e se imaginou jogando Free Fire, Call of Duty e Ragnarök; fumar maconha entre as aulas, assistir pornografia e fazer beicinhos nas redes sociais... ouvir funk, assistir Big Brother, Jornal Nacional ou Caldeirão... Rir da boçalidade do Porta, do Winnderson e ter o Felipe Neto por guru... tomar café no Starbucks, comer no McDonald e, se tudo não piorar, casar-se com um transgênero-não-binário ou um espírito duplo, seja lá o que isso seja.

Refletiu mais um pouco, e talvez, apenas talvez, o exemplo de Mishima, um seppuku, seria mais saudável e menos trágico.



CARROS - O QUE VEM POR AÍ

Nós sabemos muito bem que você que está lendo a Revista Bulunga não pode comprar nenhum desses carros que vamos mostrar (ou estaria lendo alguma coisa melhor), mas ainda assim resolvemos mostrar o que vem por aí, no ano que vem, independente da crise que promete se abater sobre o Brasil e o Mundo, pois para quem tem dinheiro, nunca há crise.

Hoje em dia, carro popular está quase ultrapassando a casa dos 100 mil reais, bastando entrar com alguns acessórios como rodas, pneus, cinto de segurança e buzina, mas carro bom mesmo já passa dos 200 mil, ou bem mais, o que é um absurdo, considerando que o brasileiro médio ganha pouco mais de R\$2.000,00 reais por mês.

E a onda agora são os carros elétricos, mas não consigo entender como os caras fazem para recarregar, pois ainda são poucos pontos disponíveis nas grandes metrópoles, e para quem vai viajar com um desses deve ser um Deus-nos-acuda. Ainda bem que não tenho um, mas não é por opção: é por falta de grana mesmo.



Chevrolet Blazer EV



Volkswagen ID4



Fiat Uno



Jeep 100% elétrico



Chevrolet Tracker

Você pode observar que a moda agora são esses faróis bem fininhos, ou melhor, são lanternas de led no lugar dos faróis, que geralmente ficam mais embaixo, moda lançada pela Jaguar, depois copiada pela Fiat, com o seu Toro, que fez muito sucesso, apesar de vários defeitos, como é costume da marca de origem italiana, que agora é Stellantis, fazendo uma confusão com a Peugeot, a Citroen, a Chrysler e a Jeep (entre outras).



Kia Kona

Tem muita gente que paga uma prestação absurda do seu carro, mas come miojo toda noite, pra poder economizar. Mas o carrão fica lá, na garagem, para humilhar a viinhança. Coisa de brasileiro...



Chery Omoda 5



Citroen Aircross



Kia Sportage

De qualquer forma, vale a pena sonhar que um motorista de Uber compre um carro desses e você possa pagar só R\$10,00 pela viagem, e ainda vai pedir para tirar uma foto só para postar no Instagram, com a legenda "um passeio pela cidade", para os outros pobres e invejosos pensarem que é seu e ficar morrendo de inveja, até se dar conta de que pode fazer o mesmo.

A INTOXICAÇÃO DOS VERDINHOS

Jorge F. Isah

O interesse já estava desviado para um grupo ecológico, os “Remember Green”, ou singelamente chamados pela alcunha de “Verdinhos”. A promessa era a de manter todos os integrantes reclusos (foram 15 voluntários, no total) em um quarto fechado, de cinco por seis metros, durante quarenta e cinco dias sem irem ao banheiro. Não tomariam banho nem evacuariam, como forma de protesto pela poluição do planeta; e a maratona seria transmitida ao vivo pela principal tevê estatal do país, e retransmitida por streaming pela internet. Porém, seus planos foram frustrados. Não se sabe ainda quem foi o culpado, mas no segundo dia de exibição, eles sofreram um atentado. Um laxante foi adicionado à comida servida no jantar, provocando uma diarreia geral na madrugada do dia seguinte. Alguns milhares de pessoas, talvez, estavam conectadas e assistiram as convulsões, gritos e dores abdominais resultarem em flatulência, primeiro, e uma caganeira geral em todas as direções, depois.

Naquele instante, em que foi constatada a intoxicação, a produção do programa pensou em socorrê-los de imediato, mas com o índice de audiência subindo vertiginosamente decidiram aguardar mais um pouco, e o que se viu em sequência foi o espetáculo mais deprimente que alguém pode presenciar. Não entrarei nos detalhes pela própria fragilidade do meu estômago mas, depois de duas horas de suplício por parte dos membros dos “verdinhos”, onde todos já não tinham mais o que expelir e estavam prostrados em meio a um piso escorregadio e repulsivo; somente então permitiram a entrada dos médicos e auxiliares, quando o índice do Ibope baixou dos dez por cento. Todos foram para um hospital particular, dos mais renomados da cidade, que abriu suas portas generosamente para acolher os pacientes. Dos quinze, treze ficaram internados, um morreu a caminho, e apenas uma mulher, depois de passar por observação, foi liberada para voltar para casa.

Houve uma comoção geral. Durante quase um mês, a saga do “Verdinhos” percorreu a programação dos telejornais, as páginas dos periódicos, as ondas da web. As vidas dos voluntários foram esmiuçadas; parentes davam informações e testemunhos da bravura e galhardia dos infectados; prognósticos apontavam para a recuperação ou não dos envolvidos; médicos e porta-vozes se revezavam nas

coletivas para informar sobre o estado de saúde dos militantes; delegados eram convocados para esclarecer os detalhes do crime; especialistas forenses, consultores ou não, detalhavam os pormenores de como o crime aconteceu, passo a passo, enquanto as tvs encheram as grades de suas programações com a reprodução do evento. Amigos, inimigos, simpatizantes, e até mesmo aqueles que nunca ouviram falar do “Remember Green”, eram convidados a darem o seu pitaco sobre o incidente. Grupos terroristas islâmicos assumiram o atentado, afinal, a exploração e o consumo de petróleo era uma das plataformas de protesto dos “Verdinhos”, ainda que eles se dispusessem a usar aviões, barcos, caminhões e carros de som movidos a diesel e gasolina; enquanto a mídia empregava toda a diligência em provar que a CIA e o FBI estavam por trás de tudo.

À medida que os dias foram passando, os doentes se recuperando, e o risco de alguma morte era mais e mais remoto, o interesse foi diminuindo, e substituído por outra notícia a atrair mais a atenção: o casamento de uma lésbica com uma Moxotó e um Rottweiler, a realizar-se na Igreja Transcultural de Gaia. O rebuliço inicial foi o mesmo de todos os rebuliços, mas esse incidente tomou os noticiários por apenas vinte e quatro horas, e nos meios mais vagarosos, quarenta e oito, se muito.



PAÍS DO FUTEBOL

Nelson Rodrigues, famoso dramaturgo, escritor e jornalista, autor de "Álbum de Família", "Véu de Noiva", "Bonitinha, mas Ordinária", "Viúva, Porém Honesta", "Toda Nudez Será Castigada", entre outras várias e premiadas peças teatrais que também se tornaram filmes e séries de TV, criou o termo "Pátria de Chuteiras", em seu livro de crônicas, cobrindo a Copa do Mundo de 1958 a 1970, e teve o prazer de acompanhar a seleção tricampeã que contava com Pelé, Rivelino, Carlos Alberto Torres, Tostão, entre outros. Mas não teve a oportunidade de ver a Copa de 1982, pois morreu dois anos antes, e perdeu o espetáculo proporcionado pelo time dos sonhos, que reuniu Zico, Sócrates, Falcão, Éder Aleixo, Cerezo, Júnior e outros, que foi derrotado pela Itália nas quartas de final, mas foi responsável pelo maior espetáculo futebolístico de todos os tempos.

Mas em 2022 o Brasil, mais uma vez, perdeu o campeonato. Dessa vez, nas oitavas. Entrou tirando onda de campeão, com seus jogadores feios e cheio de frescuras, cabelos descoloridos, maquiagem comportada, brincos de diamantes e outros acessórios milionários, mas faltou raça. Se escalassem jogadores amadores em troca de uma marmita, garanto que dariam o sangue pelo time e o Brasil sairia com a Copa nas mãos. Mas preferiram convocar os "europeus", com salários acima de 2 milhões mensais, comandados por Tite, um técnico medíocre, e deu no que deu.

Mas vamos falar de coisa boa. Vamos falar de arte: falar de Ronaldinho Gaúcho, o melhor jogador de todos os tempos. Tem gente que não concorda, e diz que foi Pelé, Maradona, Messi, Ronaldo Fenômeno ou Neymar, mas igual a Ronaldinho não teve ninguém. Ele se divertia jogando bola. Futebol foi feito para brincar. Ele tinha uma surpreendente noção de física e sabia com absoluta precisão a curva que desenvolveria a pelota, associando a pegada na parte milimetricamente exata da batida, combinando com a ação do vento. Com ele não tinha esse negócio de heroísmo, de ser representante político do país: era só diversão mesmo. E ele cumprimentava os adversários quando eles se davam bem, elogiava as jogadas dos colegas e opositores e estava sempre de bem com a vida. E ainda aproveitava para fazer os seus passinhos de samba, para comemorar os gols.



Espaço reservado para a sua propaganda
Planos mensal, semestral ou anual
Vale a pena apostar em literatura
Contato com mxelbh@gmail.com

Recentemente, uma recrutadora de uma grande empresa multinacional concedeu uma entrevista, falando das oportunidades que precisam ser dadas às minorias, em respeito à **diversidade**, à **inclusão** e ao **pertencimento**. O fato é que essas palavrinhas mágicas agora são obrigatórias em todos os meios acadêmicos e de RH.

Dia desses, fui fazer uma entrevista de emprego e a mocinha me perguntou: “você se define como homem ou mulher”? Olhei para ela de cima de meus 1.85m, barba espessa, engrosssei ainda mais a voz e falei: “olhe só para a minha cara. Tô com jeito de mocinha”? Ela respondeu que agora era obrigada a perguntar, que eram normas da empresa e coisa e tal, e perguntei para ela se conhecia a palavra discernimento, mas ela respondeu que não, é claro que não, ou não estaria ali trabalhando em uma empresa que a obrigava a perguntar coisas estúpidas em troca de um salário miserável, mas aí, para tranquilizá-la, disse que pertencia a uma espécie de seres rude que não depilam os testículos. Vi que ela marcou “não definido”, e virou rapidamente a folha tentando disfarçar, mas aí perguntei a ela se eu chupasse uma R\$1@ ou liberasse o meu T&B@ o emprego seria meu, e ela saiu chorando, quando aproveitei para fugir, ou correria o risco de ser preso ou linchado.

Vocês devem ter acompanhado pela internet um recente episódio em que um rapaz barbudo, usando um lenço na cabeça e um vestido florido, fez o maior escândalo em uma Faculdade, porque uma menina se sentiu incomodada quando ele entrou no banheiro feminino, e o abordou dizendo: “Cara, você não pode entrar aqui”, quando ele passou a gritar: “Você me chamou de cara? Me respeite!

Nada me impede de meter a mão na sua cara”. E a confusão foi armada. De todos os cantos saíram defensores do “politicamente correto” que estavam de plantão naquele exato momento, e partiram para a defesa do ser híbrido, e tudo foi filmado e postado nas redes sociais, rendendo acalorados debates e milhões de likes e dislikes. Mais likes do que dislikes, mas não posso dizer em favor a quem, pois posso ser cancelado.

DIV

ERS

IDA

DE

LIBERTE SEU TALENTO

FAÇA TEATRO, CINEMA E TV
no Núcleo de Estudos Teatrais - NET

Inscrições pelo WhatsApp (31)98025.1010, pelo telefone (31)3222.1010, no site
“www.teatrodonet.com.br”, ou diretamente na Secretaria da escola,
na Rua Timbiras, 1605 - Belo Horizonte - MG

A DISTRAÇÃO DO PECADO



TÍTULOS À VENDA

acesse www.kalamos.com.br

"Guarda, entretanto, uma nítida certeza,
de que a esperança está viva, não
morre, até mesmo para esse documento
resuscitado das cinzas. Na mesma
escuridão criada por uma, também
existi, sem a noção de que as trevas
podem nos cegar ao ponto de não
reconhecê-la, nem se perceber castiga
em sua mão.
Contudo, a luz dissipou as trevas, e ao
me elevar, deu vida ao morto
inacabado"

"A vida é a escuridão da morte"



ESCONDERIJO DE DIAS INTANGÍVEIS

JORGE F. ISAH



JORGE F. ISAH

A VIGA OCA SOB O TETO



DEBAIXO DE UM CARVALHO EM OBRAS

Jorge F. Isah

Copyright: Editora

JORGE F. ISAH

ARPEGGIOS INSULARES

POEMAS



Copyright: Editora

O MORTO INACABADO

JORGE F. ISAH



KÁLAMOS

www.kalamoseditora.com.br

PIADAS MUUUUUITO MANJADAS

CONFISSÃO DE POLÍTICO

Um político se aproximar de uma igreja, o padre intercepta-o:

- Quer confessar os seus pecados, Sr. ministro?

E responde o político:

- Querer até quero, mas só falo na presença do meu advogado.

FÉRIAS DOS PADRES

Dois padres resolveram passar férias numa ilha paradisíaca. Decidiram também que seriam mesmo férias e portanto nada deveria identificá-los como membros do clero.

Logo que desceram do avião, dirigiram-se a uma loja de surfistas e compraram os calções, t-shirt e chinelos da moda. Na manhã seguinte, foram até à praia vestidos como verdadeiros turistas.

Estavam nas toalhas, a beber uma cervejinha, quando uma loira em topless, de fazer perder a cabeça, se dirigia na direção deles. Os dois padres não conseguiram evitar segui-la com os olhos e, quando a jovem passou por eles, sorriu e individualmente cumprimentou-os:

- Bom dia Sr. Padre, bom dia Sr. Padre...

No dia seguinte, foram até à loja e compraram também um chapéu e óculos escuros. De novo os dois padres foram até à praia a fim de gozar um pouco do sol, das vistas e... eis que aparece a mesma loira. desta vez vinha com um fio dental, aproximou-se deles e cumprimentou-os:

- Bom dia Sr. Padre, bom dia Sr. Padre...

Os padres ainda incrédulos com o acontecera e, quando a loira já se ponha novamente a caminho, interrompe um dos padres:

- Desculpe, um momento, menina.

- Sim? – respondeu ela, com um sorriso nos lábios bem definidos e sensuais.

Diz o padre:

- Nós de facto somos padres e temos orgulho em sê-lo, mas como conseguiu descobrir isso?

Explica a loira:

- Sr. Padre, sou eu.... a irmã Angélica! Também estou de férias...

A MULHER DO ADVOGADO

Ela: Você não gosta mais de mim !

Ele: Você só está nervosa. Por que você não compra alguma coisa para se sentir melhor?

Ela: Como o que ?

Ele: Que tal uma viagem pela Europa ?

Ela: Não.

Ele: Que tal uma nova Mercedes?

Ela: Não.

Ele: Então, o que você quer ?

Ela: O divórcio.

Ele: (Pausa) Eu não estava pensando em gastar tanto dinheiro.

A CONSULTA

Uma pessoa chega para o advogado mais caro da cidade, na entrada do

Fórum local e diz: "Eu sei que o senhor é um advogado caro, mas por R\$1.000,00 posso lhe fazer duas perguntas?"

O advogado responde: "Claro, qual a segunda?"

CONFISSÃO

Na aldeia, um jovem vai confessar-se:

- Padre, quero confessar-me pois pequei.

- Conta lá meu filho. – responde o padre.

Diz o jovem:- Fui para a cama com uma mulher da aldeia!

- Com quem? Com a Adelaide Braga? – pergunta o padre.

- Não. – responde o jovem.

- Com a Maria Guedes? – pergunta o padre.

- Não. – responde o jovem.

- Com a Rita? – pergunta o padre.

- Não. – responde o jovem.

Por fim diz o padre:

- Não queres dizer o nome?

- Não. – responde o jovem.

Conclui o padre:

- Então reza duas Ave-marias e um Pai-nosso.

Nisto o jovem despede-se e sai. Quando chega lá fora, o amigo pergunta-lhe:

- Então o que é que ele te deu?

E diz o jovem:

- Duas Ave-marias, um Pai-nosso e três ótimas dicas!

CIUMENTA

A mulher, extremamente ciumenta, vai a uma cartomante:

— Tenho duas notícias ruins, minha senhora — diz a cartomante. — O seu marido tem uma amante e a senhora vai ficar viúva muito em breve!

— Então, vê aí se eu vou ser absolvida!

PAPAGAIO

Dois ladrões procurando casa para roubar, olha daqui, olha de lá e só via aquele aviso: CUIDADO COM O CÃO! Foram numa outra casa e deram risadas com o aviso: CUIDADO COM O PAPAGAIO! Um olhou para o outro e falou:

- Vai ser moleza! Vamos fazer um assado dele, depois a gente rouba.

- Tudo bem... - respondeu o outro.
Entraram, e no corredor outra placa:
CUIDADO COM O PAPAGAIO! ÚLTIMO AVISO!
Enquanto riam, um deles avisou a ave, e de repente apontou-a:
- Olha o papagaio ali!
O papagaio vê os ladrões e diz:
- PEGA REX!...PEGA REX!...PEGA REX!...

FIM DO EXPEDIENTE

Dois advogados estão saindo do Fórum, quando um vira para o outro e diz:
- E então, vamos tomar alguma coisa? E o outro prontamente responde:
- Vamos! De quem?

O BANHEIRO

O padre está a conduzir o seu carro, voltando de um casamento quando de repente fica com uma vontade incontrolável de ir ao banheiro. Rapidamente ele para o carro e, como padres não podem mijar nas ruas, entra no primeiro bar que vê. No bar as mulheres de minissaia, os punks, bêbados e pessoal do rock olham assustados para o padre. Ele pergunta:
- Pelo amor de Deus, onde fica o banheiro?
O barman cochicha para o sacerdote:

- Desculpe, sr. Padre... Acho melhor o senhor não usar o nosso sanitário! Lá tem a estátua de uma mulher nua com apenas uma folha de parreira cobrindo o sexo. Isso com certeza não vai agradar o senhor...
- O que é isto! – diz o padre, aflito. - Eu posso muito bem suportar esse tipo de objeto pagão!
E então o padre dirige-se ao toalete, e todos do bar ficam muito intrigados. Quando volta, todos estão dançando novamente e o cumprimentam, abraçam e chamam para dançar.
- O que significa isto? – perguntou o padre, abismado.
Agora você é um dos nossos! – gritou um jovem, com uma garrafa na mão.
Pergunta o padre:
- Por quê? Só por que eu fui ao banheiro?
O barman intervém:
- Não exatamente... É que toda vez que alguém vai ao banheiro e levanta a folha de parreira, todas as lâmpadas do bar se apagam e se acendem! E a música começa...

NO AVIÃO

A aeromoça loira pergunta ao passageiro:
- Aceita jantar?
- Quais são as opções?
- Sim... ou ... não!

